

RODRIGO MERLI

Diretor Escolar na Prefeitura de São Paulo
Professor de Cursos Preparatórios
Advogado



Formação

Pedagogia – Unib

Pós Graduação em Didática do Ensino Superior – PUC

Direito - Uninove



UTI Unidade de
Treinamento
Intensivo

PEB 1 RIO
PRETO



UTI

QUESTÕES

BLOCO 5

BANCO DE PALAVRAS CHAVE
EXPRESSÕES DOS
AUTORES/AUTORAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem

O papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando.

A avaliação é processual e dinâmica.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem

Na medida em que busca meios pelos quais todos possam aprender o que é necessário para o próprio desenvolvimento, é inclusiva. Sendo inclusiva é, antes de tudo, um ato democrático.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem

Diante do que o autor afirma sobre a avaliação:

PARA A AVALIAÇÃO CONTRIBUIR PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM, ESTA NECESSITA SER ARTICULADA PRINCIPALMENTE AO PLANEJAMENTO DOCENTE.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem

A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão.

Para que ela cumpra suas funções, deverá ser executada com um certo rigor técnico, o que implica algumas exigências, por exemplo, que os instrumentos de avaliação sejam elaborados, executados e aplicados levando-se em conta alguns princípios.

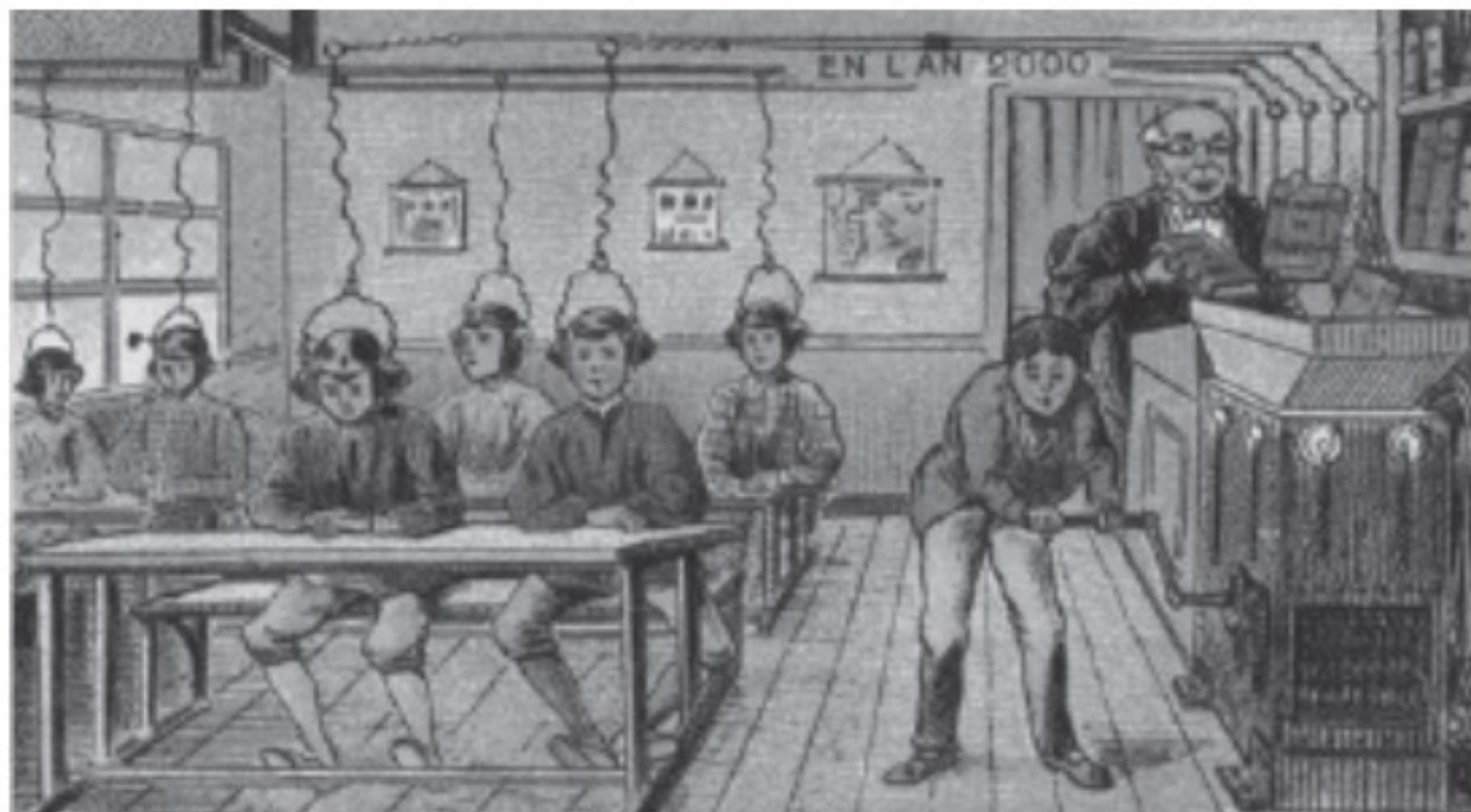
LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem

Para serem adequados, os instrumentos deveriam, entre outros:

MEDIR UMA AMOSTRA ADEQUADA DOS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM E O CONTEÚDO DA MATÉRIA INCLUÍDA NA INSTRUÇÃO.

VAMOS TESTAR SUA
INTERPRETAÇÃO A
PARTIR DO
PENSAMENTO DO
AUTOR

1. O desenho, a seguir, produzido no século XIX pelo francês Jean Marc Cotê, ilustra uma alternativa de como seria uma escola do futuro no imaginário da época.



(Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:France_in_XXI_Century_School.jpg . Acesso em: 31 out. 2018)

1.

Considerando as circunstâncias pedagógicas apresentadas na imagem e as possíveis características do modelo social por detrás delas, de acordo com os conhecimentos trabalhados pelo autor Cipriano C. Luckesi, na obra *Avaliação da Aprendizagem Escolar* (2002), é possível afirmar que a prática de avaliação escolar, mais condizente com o contexto representado, possui um caráter

RESPONDA EM SUA APOSTILA

- CORREÇÃO AO FINAL

PANIZZA, Mabel et al. Ensinar matemática na Educação Infantil e nas séries iniciais: análise e propostas

Mabel Panizza mostra que, a uma longa tradição escolar que propunha aos alunos grandes quantidades de contas, seguiu-se uma nova corrente baseada na resolução de problemas.

PANIZZA, Mabel et al. Ensinar matemática na Educação Infantil e nas séries iniciais: análise e propostas

A autora traz o seguinte problema de adição:

“Nesta caixa tenho 3 bolinhas e nesta outra, 42. Quantas bolinhas tenho ao todo?”.

Para resolvê-lo, trata-se de encontrar a operação numérica adequada e calcular a soma. Conforme a autora, quando a professora intervém na escolha da operação adequada, respondendo afirmativamente a pergunta tão conhecida:

- “O sinal é de mais?”, pode-se dizer que AS CRIANÇAS RESOLVEM A CONTA, MAS NÃO O PROBLEMA.**

PANIZZA, Mabel et al. Ensinar matemática na Educação Infantil e nas séries iniciais: análise e propostas

A educação matemática na formação docente deve se estruturar em saberes relativos ao edifício matemático, saberes relativos à aprendizagem e saberes didáticos.

Esses saberes “são recursos para escolher as situações adequadas ao saber matemático para o qual se aponte em um dado momento do ensino e para fazer uma gestão de classe que facilite

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DOS CONHECIMENTOS POR PARTE DOS ALUNOS”.

**PANIZZA, Mabel et al. Ensinar
matemática na Educação Infantil e nas
séries iniciais: análise e propostas**

Como corpo teórico, a Didática da Matemática tem como interesse principal estudar e descrever as condições necessárias para facilitar e otimizar a aprendizagem, por parte dos alunos, dos conteúdos de ensino da matemática.

PANIZZA, Mabel et al. Ensinar matemática na Educação Infantil e nas séries iniciais: análise e propostas

De acordo com Panizza, na perspectiva da Didática da Matemática, pode-se afirmar que

- O ALUNO, PARA ORGANIZAR SUA ATIVIDADE DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, DEVE BUSCAR, ENTRE TODOS OS SEUS CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS, AQUELES QUE LHE PAREÇAM PERTINENTES, TOMAR AS DECISÕES QUE CORRESPONDAM À ESCOLHA DESTES, PREVER POSSÍVEIS RESULTADOS ETC.**

VAMOS TESTAR SUA
INTERPRETAÇÃO A
PARTIR DO
PENSAMENTO DA
AUTORA

2. Conforme Panizza (et. alii, 2006), a respeito do ensino dos números na educação infantil, é correto afirmar que

Delia Lerner, Ler e Escrever na Escola – o real, o possível e o necessário.

- 1)

(...) O necessário é fazer da escola um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.(...)

Delia Lerner, Ler e Escrever na Escola – o real, o possível e o necessário.

Dentre as propostas da autora para possibilitar a adequada escolarização das práticas sociais de leitura e escrita, encontra-se a que se refere À **ARTICULAÇÃO DOS PROPÓSITOS DIDÁTICOS COM PROPÓSITOS COMUNICATIVOS POR MEIO DA MODALIDADE ORGANIZATIVA DE TRABALHO POR PROJETOS.**

Delia Lerner, Ler e Escrever na Escola – o real, o possível e o necessário.

2)

- Uma das formas para conciliar as necessidades inerentes à instituição escolar com o propósito educativo de formar leitores e escritores, o possível é gerar condições didáticas que permitam por em cena uma versão escolar da leitura e da escrita mais próxima da versão social dessas práticas.

Para tal, a autora sugere, como uma das possibilidades:

OS PROJETOS DE PRODUÇÃO-INTERPRETAÇÃO OU TRABALHO POR PROJETO.

Delia Lerner, Ler e Escrever na Escola – o real, o possível e o necessário.

3)

- Reformular a concepção do objeto de ensino em função das contribuições linguísticas e a concepção do sujeito que aprende a ler e escrever parece ser uma condição importante para contribuir para a mudança na proposta didática vigente na escola tendo como base o projeto curricular.

Para a autora, a fim de se criar uma mudança profunda, é também imprescindível recolocar:

AS BASES DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E PROMOVER A VALORIZAÇÃO SOCIAL DE SUA FUNÇÃO.

Delia Lerner, Ler e Escrever na Escola – o real, o possível e o necessário.

4)

“[...] a decisão acerca de quais são os conteúdos a ensinar e quais serão considerados prioritários supõe, na realidade, uma verdadeira reconstrução do objeto. Trata-se de um primeiro nível da transposição didática: a passagem dos saberes cientificamente produzidos ou das práticas socialmente realizadas para os objetos ou práticas a ensinar”.

Delia Lerner, Ler e Escrever na Escola – o real, o possível e o necessário.

4)

Como essa noção afeta o ensino do ler e escrever?

ATIVIDADES CENTRADAS EM PROJETOS FAVORECEM O ENSINO DA ESCRITA E DA LEITURA AO INSERIREM SEU CONTEÚDO EM UM CONTEXTO SIGNIFICATIVO, CONDIZENTE AOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA.

VAMOS TESTAR SUA
INTERPRETAÇÃO A
PARTIR DO
PENSAMENTO DA
AUTORA

3. Frequentemente, o ensino da leitura é realizado com base em textos desenvolvidos especificamente para essa situação, designados por Lerner (2002) como “textos escolares”. A respeito desse tipo de texto, Lerner (2002) defende que

4. De acordo com Lerner (2002), ao instituir como conteúdos escolares as atividades exercidas por leitores e escritores na vida cotidiana, consideram-se duas dimensões: por um lado, a dimensão social – interpessoal, pública e, por outro lado, uma dimensão psicológica – pessoal, privada. Entre os comportamentos mais privados, é possível citar:

5. Lerner (2002) afirma que a escola, hoje, encontra grandes dificuldades para ensinar a leitura e a escrita no sentido de que todos os seus alunos sejam praticantes da cultura escrita. De acordo com a autora, para alcançar esse propósito, a escola precisa

SMOLE

No entendimento de Smole, um dos maiores motivos para o estudo da matemática na escola é desenvolver a habilidade de resolver problemas.

Para uma criança, assim como para um adulto, um problema é toda situação que ela enfrenta e não encontra solução imediata que lhe permita ligar os dados de partida ao objetivo a atingir.

SMOLE

Para a autora, essa habilidade é importante para que:

A CRIANÇA DESENVOLVA SUAS POTENCIALIDADES EM TERMOS DE INTELIGÊNCIA E COGNIÇÃO.

VAMOS TESTAR SUA
INTERPRETAÇÃO A
PARTIR DO
PENSAMENTO DA
AUTORA

6. Conforme Smole (2000): “Na escola infantil, o trabalho com a matemática permanece subjacente, escondido sob uma concepção de treinar as crianças a darem respostas corretas, ao invés de fazê-las compreender a natureza das ações matemáticas”. De acordo com essa autora, assinale a alternativa que apresenta uma prática contrária ao treino matemático.

7. Matemática não é por si só conhecimento difícil a ponto de traumatizar as crianças. O que pode traumatizá-las é a forma inadequada de apresentá-la na escola. Segundo Smole (2000), o trabalho do professor não consiste em resolver problemas e tomar decisões sozinho. Ele anima e mantém as redes de conversas e coordena ações. Sobretudo, ele tenta discernir, durante as atividades, as novas possibilidades que poderiam abrir-se à comunidade da classe, orientando e selecionando aquelas que não ponham em risco algumas de suas finalidades mais essenciais na busca por novos conhecimentos. Considere as situações a seguir e assinale em qual delas o trabalho do professor favorece a construção da educação matemática.

Telma Weisz

1)

Segundo Weisz, alguns professores encantados com o que a psicogênese da língua escrita desvendou sobre o que pensam as crianças quando se alfabetizam, passaram a ensinar seus alunos a escrever silabicamente.

Telma Weisz

1)

A autora acrescenta que para chegar a uma ação desse tipo, esses professores pensam:

“se os alunos têm que passar por uma escrita silábica para chegar a uma escrita alfabética, ensiná-los a escrever silabicamente os faria chegar mais rápido à escrita alfabética”.

Telma Weisz

1)

A respeito desse exemplo, citado pela autora, Weisz afirma que:

“ESSA PERSPECTIVA SÓ PODE CABER NUM MODELO EMPIRISTA DE ENSINO, CUJA LÓGICA INTRÍNSECA É A DE ORGANIZAR ETAPAS DE APRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO AOS ALUNOS”.

Telma Weisz

2)

Um bom modelo de processo formativo é o que analisa uma prática documentada (como um objeto sobre o qual pode se pensar) para explicitar as hipóteses didáticas subjacentes.

Essa proposta formativa, descrita na obra *Diálogo entre ensino e aprendizagem*, é denominada de **TEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA.**

Telma Weisz

- 3)

Nos últimos anos, temos visto um aumento significativo das discussões sobre formação continuada de professores e uma oferta cada vez maior de ações de formação em serviço, tanto nas redes públicas quanto nas particulares de ensino. Até meados dos anos 1970 [...], o termo usado para designar o trabalho de formação em serviço, quando eventualmente acontecia, era treinamento. Nos anos 1980, passou-se a falar em formação ou capacitação em serviço (O diálogo entre o ensino e a aprendizagem).

Telma Weisz

- 3)

A visão que se tem do professor hoje, segundo Telma Weisz, é

A DE ALGUÉM QUE PRECISA SE TORNAR CAPAZ DE CRIAR OU ADAPTAR BOAS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM, ADEQUADAS A SEUS ALUNOS REAIS, CUJOS PERCURSOS DE APRENDIZAGEM ELE PRECISA SABER RECONHECER.

VAMOS TESTAR SUA
INTERPRETAÇÃO A
PARTIR DO
PENSAMENTO DA
AUTORA

8. A opção de “aprender a aprender” é recorrente nos escritos da área de educação, pelo menos desde a Escola Nova, nos anos de 1920. Segundo Telma Weisz, “se nessa época o aprender a aprender era visto como um desenvolvimento geral da lógica do aprendiz, hoje se sabe que há um desenvolvimento dessa lógica, sim, mas que apenas isso não garante essa capacidade”. De acordo com a autora, para aprender a aprender,

Telma Weisz, em O diálogo entre ensino e a aprendizagem, afirma que um erro que precisa ser evitado pelos professores é o desvio espontaneísta: como é o aluno quem constrói o conhecimento, não seria necessário ensinar-lhe. A partir dessa crença o professor passa a não informar, a não corrigir e a se satisfazer com o que o aluno faz “do seu jeito”. Essa visão implica abandonar o aluno à sua própria sorte. A autora exemplifica que, quando uma criança entra na escola ainda não alfabetizada, tanto ela quanto o professor sabem que ela não sabe ler nem escrever. Ao propor que ela se arrisque a escrever do jeito que imagina, o que professor na verdade está propondo é uma atividade baseada na capacidade infantil de jogar, de fazer de conta. Em contrapartida, o professor deve usar tudo o que ele sabe sobre as hipóteses que as crianças constroem sobre a escrita para poder, interpretando o que o aluno escreveu, ajudá-lo a avançar. Para a autora, ao professor cabe

GABARITO

- 01 – (A) (B) (C) ● (E)
- 02 – (A) (B) (C) ● (E)
- 03 – (A) ● (C) (D) (E)
- 04 – (A) (B) ● (D) (E)
- 05 – (A) ● (C) (D) (E)
- 06 – (A) (B) ● (D) (E)
- 07 – (A) (B) (C) ● (E)
- 08 – (A) ● (C) (D) (E)
- 09 – (A) (B) (C) (D) ●

OBRIGADO

**Quer conhecer mais meu trabalho ou
entrar em contato?**

causoscolares.wordpress.com

